

Estativos e suas características*

Renato Miguel Basso

Rodolfo Ilari

UNICAMP

A maioria dos trabalhos em *Aktionsart* e Aspecto pressupõe que os verbos estativos formem uma classe homogênea e que possam ser facilmente identificados por testes distribucionais baseados na (in)compatibilidade com o imperativo (I), com a perífrase progressiva (PP) e com certos tipos de adjuntos temporais (AT). Nas primeiras seções deste trabalho, analisamos dados do Português Brasileiro (PB) contrários a essa visão. Mostramos que alguns estativos são compatíveis com a PP, com o I, ou ambos, e também com os tipos de AT tidos como problemáticos. Nas últimas seções, desenvolvendo uma idéia inicial proposta pelo Prof. John Schmitz, sustentamos que, considerando-se o PB, a classe dos estativos deve ser subdividida em subclasses cujo comportamento face a I, PP e AT pode ser previsto pela interação de traços semânticos como [± controle] e [± mudança].

Most works on *Aktionsart* and Aspect presuppose that stative verbs form a homogeneous class and that they can be easily identified by distributional tests based on (in)compatibility with the imperative (I), with the progressive periphrasis (PP) and with certain types of time adjuncts (TA). In the first sections of this paper, we analyze data from Brazilian Portuguese (BP) that goes against this view. We show that some statives are compatible with PP, or with I, or with both, and also with the kinds of TA that have been considered problematic. In the last sections of this paper, elaborating on an idea first proposed by Professor John Schmitz, we claim that, as far as BP is concerned, the class of statives must be sub-divided into sub-classes whose behavior *vis-à-vis* I, PP and TA can be predicted by the interaction of semantic features such as [± control] and [± change].

Introdução

A classificação de lexemas verbais mais conhecida entre os lingüistas é a de Zeno Vendler (1967), porém não é a mais antiga, visto que a possibilidade de se distinguirem diferentes classes de verbos de

* Este texto é fruto do projeto de Iniciação Científica “Aspectos e Acionalidade no Português Brasileiro”, financiado pela FAPESP, Processo 03/01474-4.

acordo com o que significam e segundo a compatibilidade com diferentes tipos de adjuntos já chamara a atenção de Aristóteles e de outros filósofos. Desde a classificação aristotélica, uma classe que sempre foi julgada inteiramente homogênea e inteiramente distinta das demais é a dos verbos estativos.

De um ponto de vista nocional, os verbos estativos têm sido caracterizados como “verbos que não indicam uma ação”, e do sujeito de um verbo estativo espera-se mais provavelmente que seja um experienciador do que um agente. Exemplos desses verbos seriam: *parecer(-se) com, possuir, localizar(-se), saber, amar, ter fome*, entre outros. Essa caracterização sugere, por exemplo, que uma sentença como “João ama Maria” tem um predicado não-agentivo ou, em outras palavras, que não há controle por parte do sujeito sobre o estado de coisas referido pelo predicado.

Essas características ou traços da classe dos estativos teriam uma contraparte necessária nas restrições de compatibilidade com certos tipos de adjuntos e com certos contextos morfo-sintáticos: i) devido à falta de controle do sujeito, esses verbos não poderiam funcionar no imperativo; ii) também não funcionariam com a perífrase progressiva, pelo fato de não haver nenhuma “ação” envolvida.¹ Quanto aos adjuntos, é um fato que há estativos que não combinariam com os adjuntos temporais que respondem à pergunta “por quanto tempo?”. A sentença “João era / é natural de Itu durante todo ano passado”, por exemplo, é pelo menos estranha.

Mas a situação não é assim tão clara: inúmeros são os verbos que, pelo critério nocional acima exposto, são estativos e, entretanto, aceitam o progressivo ou o imperativo ou ambos. Essa aceitabilidade é muito alta em português e em espanhol (o inglês é bem menos flexível e o italiano fica numa posição de meio termo entre essas línguas). Outra quebra de expectativas se dá na compatibilidade com adjuntos temporais: assim como há estativos que não aceitam adjuntos do tipo “por quanto tempo?”, há outros que os aceitam.

¹ Os testes de compatibilidade com o imperativo e com o progressivo foram usados com sucesso, por exemplo, pelo próprio Vendler, para defender sua classificação dos verbos do inglês.

Essa falta de clareza quando da individualização da classe dos estativos levou os pesquisadores a adotar duas posições opostas: 1) a de negar que os estativos constituem uma classe (é o caso de autores como Boertien (1979)); e 2) a de admitir que existe uma classe de estativos, entendendo contudo que essa classe deve ser subdividida, distribuindo-se os verbos que a ela pertencem em sub-classes. Esse é o caso de autores como Bertinetto (1986, 1991).

Neste pequeno trabalho seguiremos a segunda posição apresentada acima, ou seja, defenderemos que a classe dos estativos deve ser mantida, porém melhor caracterizada e ulteriormente subdividida. Para tanto, retomaremos, na ordem, os critérios que têm sido usados para afirmar sua unidade como classe, mostrando que a aplicação desses critérios não produz sempre os mesmos resultados.

Estativos e Perífrase Progressiva

Assim como no caso do estativo, há grandes controvérsias sobre quais seriam as propriedades definidoras do aspecto progressivo. A esse respeito, o importante é notar que, diferentemente do estativo, quando falamos de “progressivo”, estamos falando das propriedades aspectuais de um evento e não de uma classe acional. Utilizaremos aqui a caracterização do progressivo dada por Bertinetto (1991 e 1997), que pode ser resumida em dois pontos:

- a) o progressivo funciona como um “particularizador” de eventos, ou seja, um evento veiculado na fórmula progressiva faz referência a uma fase do evento em curso. Dito de uma outra maneira, ele focaliza um instante singular do evento;
- b) para um evento que é apresentado na forma progressiva, nada pode ser dito sobre o que está para além do ponto focalizado.

O aspecto progressivo, em português, é veiculado na grande maioria das vezes através da perífrase progressiva, como em (1), mas também pode sê-lo através do pretérito imperfeito, como em (2):

- (1) João estava atravessando a rua ontem.
- (2) João atravessava a rua ontem.

Não podemos afirmar, a partir dessas sentenças, que ontem João de fato atravessou a rua, pois ele pode ter sido, por exemplo, atropelado após o instante de focalização, que é colocado em relevo pelo progressivo. Assim, é inegável que João começou a atravessar a rua em (1) ou (2), mas não é possível concluir, com base nessas sentenças, que ele realmente tenha atravessado.

Essa caracterização é intuitivamente simples quando tratamos de verbos “de ação”, i. e., de verbos não-estativos. Como ela se aplicaria, porém, aos estativos? E essa pergunta leva a sentenças como as abaixo:

- (3) João está amando a Maria.
- (4) João está se sentindo cansado.
- (5) João está tendo uma dor de cabeça.
- (6) João está sendo um chato.

As sentenças (3)-(6) são nocionalmente estativas e, contudo, perfeitas com a perífrase progressiva. Elas mostram, antes de mais nada, que, contrastando com aquilo que acontece com o inglês, a ocorrência de estativos com a perífrase progressiva é possível em português. Ainda assim, não podemos esquecer de exemplos como:

- (7) (?) Rio Claro está se localizando no interior de São Paulo.
- (8) (?) O livro do Gênesis está pertencendo ao Pentateuco.
- (9) (?) João está tendo um carro.
- (10) (?) João está sendo gordo.

Em que condições o estativo (classe acional) e o progressivo (aspecto) são compatíveis?

Uma solução para esse quebra-cabeças foi proposta por Bertinetto (1986) a propósito do italiano, uma língua até certo ponto semelhante ao português em sua gramática do aspecto. Esse autor subcategoriza os estativos mediante os traços [\pm controle] e [\pm mudança]. Uma análise como essa dá conta das seguintes sentenças:

- (11) a) João é alto. \ b) João está alto.
- (12) a) (?) João está sendo alto. \ b) João está ficando alto.
- (13) a) João é magro. \ b) João está magro.

- (14) a) (?) João está sendo magro. \ b) João está ficando magro.
 (15) a) A cidade é montanhosa. \ b) (?) A cidade está montanhosa.
 (16) a) (?) A cidade está sendo montanhosa. \ b) (?) A cidade está ficando montanhosa.

Esses exemplos parecem explicar-se com facilidade pelo valor do traço: os predicados estativos que possuem o valor [+ mudança] aceitam a perífrase progressiva e recebem uma interpretação não estativa. Através da sentença “João está ficando alto”, temos que João ainda não é alto, mas sim que vai ficar alto um dia; ou ainda, João já é alto, mas não o suficiente e ficará alto o suficiente um dia. Essa interpretação é o que podemos chamar de “télica”, segundo a definição corrente que caracteriza como télicos os predicados que comportam um fim ou uma meta.

Exemplos de uso da perífrase progressiva com predicados estativos que não são contemplados pela análise proposta acima são os seguintes:

- (17) A estátua fica na prefeitura.
 (18) A estátua está na prefeitura.
 (19) A estátua está ficando na prefeitura.

A sentença (19) pode ser analisada simplesmente como um presente vestido da perífrase progressiva, equivalendo assim a (18). Porém, diferentemente de sentenças como (3)-(6), (18) parece envolver um sentido transitório, podendo ser entendida como: a estátua está agora, está ficando na prefeitura, mas lá não é o seu devido lugar. Esse mesmo sentido transitório está presente em sentenças como (20):

- (20) João está sabendo a resposta.

Com (20) temos algo como: João, diferentemente do natural, agora, está sabendo a resposta.²

² Notamos aqui que essa interpretação de (20) contradiz a caracterização que demos para o aspecto progressivo, no tocante à indeterminação da seqüência do evento para além do ponto de focalização. Ressaltamos, porém, que em (20) não temos o *aspecto progressivo*, mas apenas o uso da perífrase progressiva, que não acarreta necessariamente as mesmas interpretações que o aspecto progressivo acarreta.

Resta ainda considerar sentenças semelhantes àsquelas de (3) a (6), ou como as abaixo:

(21) João está sendo sincero.

(22) João está gostando do filme.

Para essas sentenças, uma análise em termos de traços como [\pm mudança] parece não funcionar. É difícil responder afirmativamente quanto à ocorrência ou não de “mudança” nos predicados envolvidos. Essas sentenças também não podem receber uma interpretação télica, como no caso das sentenças (12b) e (14b), nem uma interpretação semelhante àquela das sentenças (17)-(20).

Antes, o que essas sentenças veiculam é algo como um presente simples, ou seja, (3) – “João está amando a Maria” – informa que João ama Maria no momento em que tal sentença é enunciada; (22) informa que João gosta (está gostando) do filme no momento em que tal sentença é enunciada. Esse é também o caso da sentença (19). Esse é o verdadeiro presente do português (semântico), diferente da forma (morfológica) do presente do indicativo, que, na grande maioria das vezes, refere-se a leis gerais e atemporais, como “a água *ferve* a 100º graus”, “a Terra *gira* em torno do Sol”, etc.

Essa análise das perífrases progressivas do português para os estativos, até onde conhecemos, foi primeiramente proposta pelo Prof. John Schmitz (1981a, b) a partir do seguinte exemplo (1981a):

Numa outra situação, vamos imaginar que uma jovem mãe, que se encontra na cozinha de seu apartamento, de repente ouve a gritaria de seus três filhos brigando na sala, junto com o barulho do estéreo que está sendo tocado no volume mais alto. A mãe, em desespero, pergunta em voz alta a razão da briga. Não tendo resposta, ela corre para a sala e grita o seguinte, escolhendo (29b) ou (29c):

(29) (a) Abaixa o som, Carlos.

(b) Não estou ouvindo nada.

(c) Não ouço nada.

Isso demonstra que não podemos nos prender fortemente à morfologia para entender e explicar fenômenos do domínio tempo-aspectual: o uso da *perífrase progressiva* não acarreta necessariamente o sentido do *aspecto progressivo*.

A título de recapitulação, sobre a complexa relação que se estabelece em português entre a classe acional do estativo e a perífrase progressiva, podemos distinguir pelo menos 4 sub-classes de estativos no tocante à compatibilidade com essa perífrase, quais sejam:

- a) verbos estativos que não permitem o uso da perífrase progressiva (sentenças (7)-(10));
- b) verbos estativos que permitem o uso da perífrase progressiva interpretados como um presente simples (sentenças (3)-(6) e (19), (21) e (22));
- c) verbos estativos que permitem o uso da perífrase progressiva interpretados como predicados télicos (sentenças (12b)-(13b));
- d) verbos estativos que permitem o uso da perífrase progressiva interpretados como possuindo sentido transitório (sentenças (19) e (20)).

Das 4 sub-classes arroladas acima, apenas os predicados que pertencem à sub-classe c) – aquela que engloba os predicados estativos que se tornam télicos quando veiculados com a perífrase progressiva – de fato atualizam o *aspecto progressivo* como definido acima. As sub-classes b) e d) são compatíveis com a *perífrase progressiva*, mas não atualizam o *aspecto progressivo*.

Estativos e o Imperativo

Assim como há exemplos de estativos que são compatíveis com a perífrase progressiva, há estativos que são compatíveis com a forma imperativa do verbo, como nos exemplos abaixo:

- (23) Fique quieto!
- (24) Seja bonzinho!
- (25) Seja homem! (no sentido de comportar-se como tal)
- (26) (?) Seja magro!
- (27) (?) Seja alto!
- (28) (?) Saiba latim!

Mas isso não invalida, porém, a constatação de que o uso do imperativo com estativos depende do traço [± controle], pois os estativos

que aceitam a forma do imperativo são precisamente aqueles aos quais pode ser atribuído o traço [+ controle], ou seja, o sujeito (ou experienciador) do predicado em questão pode voluntariamente enquadrar-se naquilo que o predicado diz. Assim, qualquer pessoa pode propositalmente “ser boazinha” ou não, “ser homem” (no sentido acima proposto) ou não, e “ficar quieto” ou não. Para os outros exemplos, não é de se esperar que alguém possa voluntariamente “ser alto”, “ser magro” ou, de uma hora para outra, “saber latim”. A esses últimos predicados é, portanto, atribuído o traço [- controle].

No caso de “saber latim”, podemos ter um contexto como:

(29) Saiba latim e volta para o próximo exame!

Em uma sentença como (29), o predicado estativo “saber latim” é interpretado como “aprender latim” ou “estudar latim”, que são não estativos e permitem, portanto, o uso do imperativo.

Diante dessas observações, o fato de os estativos terem sido caracterizados como predicados que não aceitam a forma do imperativo é provavelmente devido ao enorme número de estativos que são não-agentivos, aos quais é atribuído o traço [- controle].

Estativos e Adjuntos temporais

Já vimos que somente alguns estativos ficam bem com os adjuntos temporais, i. e., aqueles adjuntos que dizem algo sobre a duração do evento em questão. Essas diferenças de compatibilidade apontam para uma divisão da classe dos estativos que poderia ser formulada em termos de “estativos permanentes” (aqueles que não funcionam com adjuntos de duração) e “estativos não-permanentes” (aqueles que funcionam com adjuntos de duração). Em português, um recurso conhecido para marcar a oposição permanente / não-permanente é o uso alternado dos verbos *ser* e *estar*, o que nos leva a exemplos como os seguintes:

(30) João está gordo desde o último verão.

(31) João é gordo desde o último verão.

(32) João esteve gordo por muitos anos.

(33) João foi gordo por muitos anos.

(34) João está insolente esta tarde.

- (35) (?) João é insolente esta tarde.
- (36) João esteve insolente por muitos anos.
- (37) João foi insolente por muitos anos.
- (38) João estava insolente a tarde de ontem.
- (39) (?) João era insolente a tarde de ontem.
- (40) (?) João está baixo desde o último verão.
- (41) (?) João é baixo desde o último verão.
- (42) (?) João esteve baixo por muito anos.
- (43) João foi baixo por muitos anos.
- (44) (?) João está baixo esta tarde.
- (45) (?) João é baixo esta tarde.

O contraste que os predicados arrolados acima apresentam pode ser entendido em termos de permanência / possibilidade de mudança dos estados em questão. Um predicado como “ser / estar gordo” envolve estados que podem ir e vir, i. e., João pode emagrecer, voltar a engordar, engordar mais e assim por diante. No caso de “ser / estar insolente”, temos em jogo um estativo que envolve controle por parte do sujeito, ou seja, João pode querer voluntariamente ser ou não insolente e isso garante a grande compatibilidade desse predicado com adjuntos temporais, pois João pode decidir ser insolente, deixar de sê-lo, voltar a ser, etc. Por último, no caso de “ser / estar baixo” nas sentenças (37)-(42), temos um predicado que não envolve um estado tão transitório quando “ser / estar gordo”, visto que ninguém pode crescer para, depois, encolher e voltar a crescer. A única dinâmica que encontramos aqui é aquela apresentada pela sentença (40), ou seja, alguém foi baixo e cresceu. Além disso, diferentemente de “ser / estar insolente”, “ser / estar baixo” não envolve controle por parte do sujeito, o que reduz ainda mais a possibilidade de uso de adjuntos temporais.

É importante ressaltar que a análise em termos de estativos permanentes *versus* não-permanentes não se reduz ao contraste “ser” / “estar”, como mostram os exemplos abaixo:

- (43) João teve dor de cabeça pela manhã toda.
- (44) (?) João acha / achou que o mundo é / era bom pela manhã toda.

(45) João conheceu Pedro por vinte anos.

(46) (?) João nasceu em Vladvostok por dez anos.

Nos exemplos acima, “nascer em Vladvostok” e “achar que o mundo é bom” são estativos permanentes, ao passo que “ter dor de cabeça” e “conhecer Pedro” não.

Conclusões

Depois dessa breve caracterização dos predicados estativos, podemos apontar as seguintes conclusões:

i) a classificação dos eventos como estativos deve ser feita em relação ao predicado como um todo e não em relação apenas às palavras que constituem o núcleo semântico do predicado.

Essa é a diferença que encontramos por exemplo entre “ser grande” e “estar grande”, dois predicados que têm em “grande” um mesmo núcleo semântico, mas possuem interpretações e compatibilidades com adjuntos diferentes, como mostramos através dos exemplos acima;

ii) a propriedade de ser um verbo estativo não é uma categoria unitária, válida como um todo e aplicável em termos de sim ou não, ou seja, existem diferentes possibilidades, dentro da classe maior da estatividade, como esperamos ter demonstrado através dos exemplos relativos à compatibilidade com a perífrase progressiva, que podem envolver um traço como [\pm mudança], e daqueles relativos à compatibilidade com o imperativo, onde parece agir um traço como [\pm controle]. As observações que fizemos a esse propósito apontam para um quadro mais complexo:

| | [- controle] | [+ controle] |
|-------------|-------------------------------|-------------------------------|
| [- mudança] | (1) tipicamente estativos | (2) não-tipicamente estativos |
| [+ mudança] | (3) não-tipicamente estativos | (4) não-estativos |

Os verbos tipicamente estativos são aqueles representados por (1): verbos incompatíveis com o imperativo e com a perífrase progressiva. Verbos como (2) também podem ser caracterizados como estativos, porém permitem somente o uso do imperativo. Verbos como (3) permitem somente o uso da perífrase progressiva. Contudo, não podemos afirmar

categoricamente que apenas os dois traços de controle e mudança sejam responsáveis por todas as possibilidades efetivamente encontradas. Assim sendo, uma representação de estabilidade bem mais adequada em termos intuitivos consistiria em distinguir i) verbos estritamente estativos, (1), e ii) verbos estativos que apresentam um comportamento possivelmente diferente dos tipicamente estativos, (2) e (3). Por fim, iii) verbos como (4) são não-estativos ou, ainda, verbos “de ação”;

iii) vimos através dos exemplos (30)-(46) que entre os predicados estativos e os adjuntos temporais há diferenças de compatibilidade: encontramos predicados estativos compatíveis com adjuntos de duração, como “durante / por quanto tempo?”, que são os *estativos não-permanentes*; e também predicados estativos que não são compatíveis com esse tipo de adjunto, os *estativos permanentes*.

As conclusões a que chegamos neste trabalho derivam de uma maneira de investigar os fenômenos tempo-aspectuais que pode ser sumarizada da seguinte forma:

- 1) distinguir classe acional e aspecto;
- 2) reconhecer que por trás das combinatórias e das compatibilidades funciona uma álgebra de traços;
- 3) reconhecer o fato de a descrição do aspecto / classe acional em português contar com um experiência importante, teórica e descritiva.

Um dos trabalhos pioneiros, concernente justamente ao problema das estativos (classe acional) *versus* progressivos (aspecto), é o do prof. John Schmitz. Muitas das constatações que aqui apresentamos são, na verdade, re-elaborações das análises que Schmitz fez em seus trabalhos sobre esse vasto tópico.

Bibliografia

BERTINETTO, P. M. *Tempo, aspetto e azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo*. Florença: Accademia della Crusca, 1986.

BERTINETTO, P. M. Il Sintagma Verbale. In: RENZI, L.; SALVI, G. (Ed.). *Grande grammatica italiana di consultazione*. Bologna: Il Mulino, 1991. p. 13-161.

BERTINETTO, P. M. *Il dominio tempo-aspettuale: Demarcazioni, intersezioni, contrasti*. Torino: Rosenberg and Sellier, 1997.

BERTINETTO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The 'Perfective = Telic Confusion'. Available from Internet: <http://alphalinguistica.sns.it/QLL>. 2001.

BOERTIEN, H. Ordergin Auxiliares as Main Verbs. *Glossa*, n. 13, p. 81-114, 1979.

SCHMITZ, J. R. A Oposição estrutural/fenomenal e a análise do aspecto progressivo. São Paulo: PUC-São Paulo, 1981a. (mimeo)

SCHMITZ, J. R. The Progressive Construction and Stativity in Brazilian Portuguese. São Paulo: PUC-São Paulo, 1981b. (mimeo)

VENDLER, Zeno. *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967.